

ARMANDO FREITAS FILHO

IMPÉRIO

Torres. Terror. Cada uma parece um 1. As duas juntas marcam o dia do espetáculo e a soma dos alvos prateados em fundo azul matinal l minuto antes. l minuto depois o que foi 1 número íntegro se parte em N em 1001 decimais do que era uno, de sol, vidro, aço, pedra e esplendor no dia 10 e agora é 0. E a primeira surpresa logo se repete, 1 por 1, 1 igual a 1 ao outro, seu duplo, sua sombra. No ano l do novo milênio nem foi preciso ouvir a exclamação dos ratos: “Que século!” ou sua ação roedora no pé dos prédios: Ícones! Píncaros! Edifícios! Fim!

UM LANCE DE DEGRAUS

Dias duros de degraus de pedra. De escada selvagem, irregular no piso arrumado à mão, forçado, à unha aproximando as lajes escalavradas para o encaixe, assim, assim, sujeito a frestas, frieiras, por onde, natural o mato entra de dentro para fora.

Mas não só ali, acima, na de primitiva ascensão, também nesta, contemporânea de cimento paginado, linha por linha – que se quis quimera de puro esmero – há erro, ou um pouco de terra fera que ficou entre degraus, entredentes bastante para que brote através dessa distração, mínimas folhas furiosas atentas e invencíveis, que voltam mesmo quando arrancadas, até o fim dos dias.

Armando Freitas Filho é poeta, nascido no Rio de Janeiro. Estreou em 1963, com o livro Palavra. Em 1986, recebeu o Prêmio Jabuti de Poesia com 3 x 4; no ano 2000, o Prêmio Alphonsus de Guimaraens, com Fio terra. Em 2001, foi agraciado com a bolsa Vitae de Artes. Trabalhou como pesquisador na Casa de Rui Barbosa, Instituto Nacional do Livro, Biblioteca Nacional e Funarte. Este ano, vai ser lançada pela Editora Nova Fronteira sua poesia reunida e revista, sob o título de Máquina de escrever. Constam do volume 13 livros, sendo um inédito, que se chama Numeral / Nominal, ao qual pertencem os poemas “Império” e “Um lance de degraus”.